

Seca e criação de gado na Paraíba: a composição de uma moralidade sociotécnica

Dry and cattle in Paraíba: the composition of a sociotechnical morality

Joelma Batista do Nascimento [1]
batistajoelma10@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-2957-0210
http://lattes.cnpq.br/1788679226819291

1 - Professora Auxiliar Universidade de Pernambuco. Doutora em Antropologia pela UFSC, pesquisadora do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA/UFSC).

Resumo: O ensaio fotográfico versa sobre a criação de gado na Paraíba entre agricultores familiares. Um tipo de atividade marcada por duas estações: inverno e seca (verão). Eu retrato a seca, a constituição da paisagem, não somente por fenômeno de ordem natural, mas também pela dimensão social. Não deixar os animais morrerem por falta de água ou pasto na seca é um dever moral. Alimentar cria um campo de saberes, trocas e parcerias entre os criadores e relações afetivas com os animais. Pensar a seca como uma moralidade sociotécnica é colocar em destaque essa dimensão social regida por conhecimentos técnicos, valores morais e afetivos.

Palavras-chave: Criação de gado; moralidade sociotécnica; seca.

Abstract: *The photographic essay deals with the cattle raising on Paraíba State, on Northeast Brazil, among familiar farmers. It's a type of activity marked by two seasons: winter and dry (summer). In this article, it's highlighted the drought, the landscape constitution, not only through a natural phenomenon, but also through its social dimension. Avoiding animal deaths due to lack of water scarcity or pasture during drought is a moral duty. Feeding the cattle creates a field of knowledge, cultural exchange between creators and a partnership relation with animals. To understand the drought as a sociotechnical morality is to highlight this social dimension mastered by technical knowledge, moral and affective values.*

Keywords: *Cattle raising; sociotechnical morality; drought.*

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) coloca em cheque como a região Nordeste no Brasil se constituiu a partir de uma abordagem imagética e discursiva pela seca. Na música Asa Branca composta em 1950 por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, o êxodo rural é decorrente da seca, pois sem água, plantas ou animais não podem ser cultivados ou alimentados.

Em 2016, quando passei a residir em Florianópolis, ouvia com frequência, sempre quando mencionava a minha regionalidade, a miséria social do "norte", a migração em busca de trabalho e a impossibilidade de manter atividades agropecuárias devido ao clima local. O discurso da seca se baseava em imagens de vegetação seca, solos rachados e animais mortos.

O espanto que a vegetação provoca num cenário de contrastes definido por estação chuvosa (inverno) e estação seca (verão) tende a nos fazer ver e pensar a partir de uma perspectiva de determinismo geográfico, em que as condições climáticas ditam o modo de existência local. As etnografias, o trabalho antropológico, nos permite repensar essas lógicas.

Evans-Pritchard (1999 [1940]), ao iniciar sua pesquisa entre os Nuer também ficava perplexo com as mudanças drásticas entre as estações chuvosa e seca. À medida que conheceu a organização social e política dos pastores nômades, criadores de gado, compreendeu que a questão ambiental não deveria ser pensada como um determinismo geográfico, mas como uma dimensão integrada à organização social e política da sociedade.

Por ser natural de Piancó, sempre pensei a questão climática pelo modo como vivenciamos o cotidiano. O ritmo e mudanças em cada estação se tornam parte de nosso modo de vida: as relações sociais e com a natureza que estabelecemos. Os fluxos de migração geralmente estão associados à busca por mercado de trabalho, mas esse fio não é tecido exclusivamente por períodos longos de estiagem, mas, sobretudo, pelo contexto socioeconômico local.

Quando passei a residir com as famílias dos criadores de gado, ao vivenciar o trabalho nas duas estações (chuvosa e seca), pude refletir e repensar como a questão ambiental cria uma dinâmica social por trocas de conhecimentos e prestações de serviços para alimentar os animais na seca. Um vínculo social, fundamentado num dever moral de dar, receber e retribuir, como descreve Mauss na teoria da dádiva (2003 [1925]), fundamental para a prevalência dessa economia.

A imagem da seca que conheço é uma configuração que incorpora os aspectos naturais da paisagem, as trocas de saberes entre os criadores para alimentarem os animais e os vínculos afetivos que se estabelecem, especialmente com as vacas leiteiras. Saberes e valores morais que reconfiguram a própria paisagem, seja com o processo de irrigação, divisão do espaço com cercas, aproveitamento dos restolhos do plantio de milho ou a inserção de palma forrageira (Opuntia cochenilliferao).

É com base nesses pressupostos, de conhecimentos técnicos, de valores morais e afetivos, que são compartilhados pelos criadores, que eu defino a seca como um fio que tece uma moralidade sociotécnica (Nascimento, 2021). Um princípio moral que rege as ações e formula estratégias pelo compartilhamento de conhecimentos e trocas de parcerias entre os criadores para “não deixar os animais morrerem por falta de água ou pasto na seca”.

Pensar o contexto rural e sua dinâmica por valores morais é uma temática central na literatura campesina (Brandão, 1999; K. Woortmann, 1990). Toda sua dimensão de trabalho, que envolve a terra, agricultura e criação de animais não podem ser compreendidas se pensadas apenas em termos utilitários. Este ensaio fotográfico é uma narrativa da relação moral dos criadores com os animais através da dimensão de cuidados para alimentá-los.

O sistema de criação adotado tem como base alimentar o pasto. Os animais são criados à solta em espaços delimitados por cercas de arame farpado e arame liso com corrente elétrica (cerca de choque). As cercas delimitam espacialmente a quem pertence a terra e a mobilidade dos animais (dentro ou fora do espaço). As cercas de choque são utilizadas na época de seca para poupar e produzir pastagem com uso de irrigação. Como os animais são impedidos de circularem e comerem diretamente o pasto, ele cresce mais rápido e tem uma maior rentabilidade.



Cerca de choque na propriedade do criador Zezinho. Comumente animais como ovinos ou caprinos atravessam por baixo. Sítio Santa Cruz, 2018.



Vacas são proibidas de comerem dentro do cercado de pastagem. Sítio Santa Cruz, 2018.



Criador Negada corta o capim e alimenta suas vacas leiteiras fora do cercado de pastagem. Sítio Santa Cruz, 2018.

Para irrigação os criadores se utilizam de estoque de água individual, poço artesiano, ou água dos rios. À medida que os meses de seca se prolongam, geralmente entre julho a dezembro, o nível de água vai diminuindo. A água se torna prioridade para saciar a sede dos animais e pode ser barrada para uso de irrigação.



Nível do rio permissível à utilização para irrigação. Sítio Santa Cruz, 2018.



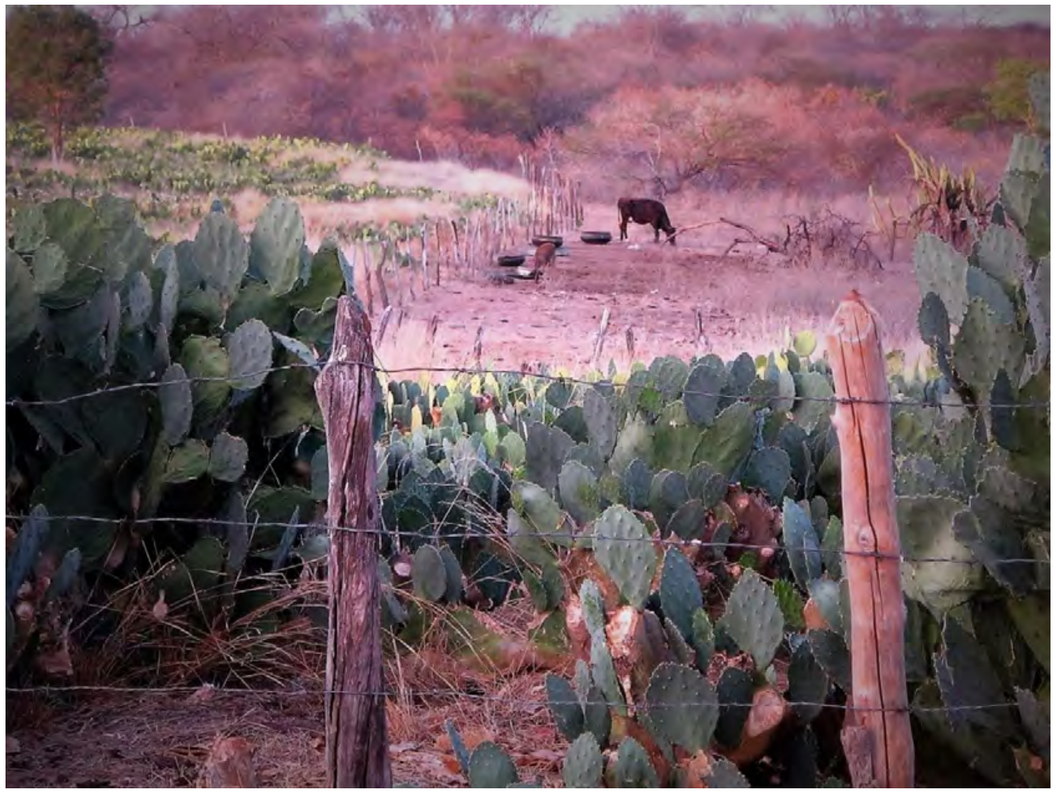
Água do rio é bombeada para encher as cocheiras dos animais.





Açude em período de seca/setembro. Sítio Palha Amarela, 2018.

A plantação de palma forrageira é uma alternativa alimentar entre os criadores que dispõem de um menor volume de água. Enquanto o capim necessita de doses diárias de água, a palma só precisa ser irrigada em intervalos longos na seca, em média de 3 a 4 meses.



Suplementação diária de vacas leiteiras com palma forrageira. Sítio Palha Amarela, 2017.

O cultivo de milho, principal componente da ração seca ofertada as vacas leiteiras, é uma atividade fundamental para diminuir os custos. Ao ser efetuado a colheita os animais são inseridos no cercado com restolhos, se alimentando deles. Essa é uma prática comum em todo território paraibana (Garcia Jr., 1989).



Suplementação diária de vacas leiteiras com palma forrageira. Sítio Palha Amarela, 2017.



Suplementação diária de vacas leiteiras com palma forrageira. Sítio Palha Amarela, 2017.



Vacas do criador Antonio se alimentando de ração seca.

Referências

ALBUQUERQUE JÙNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O afeto da terra. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1999 [1940].

GARCIA JR, Afrânio Raul. O Sul: caminho do roçado : estratégias de reprodução camponesa e transformação social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.

GONZAGA, Luiz. Asa Branca. Disco RCA Victor 80/0510/B, 1947.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva — Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, p. 183–294, 2003 [1925].

NASCIMENTO, Joelma Batista do. Criações de gado na Paraíba: tecendo a sobrevivência, domesticando afetos. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

WORTEMANN, Klass. “Com parente não se neguceia” O campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico, 87. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.